

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º II

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Reforma da Academia das Bellas Artes de Lisboa — pelo sr. J. DA SILVA.....	Pag. 165
Architectura dos povos da antiguidade (continuação), pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	168

SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES :

Materiaes para construção (continuação), pelo sr. F. J. DE ALMEIDA.....	171
---	-----

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

Edifícios religiosos em Portugal — Leiria — pelo sr. VICTORINO DA SILVA ARAUJO	174
Explicação da estampa n.º 31 — pelo sr. J. da SILVA.....	177

BIBLIOGRAPHIA :

Inventario das obras de arte — pelo sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO	177
--	-----

CHRONICA	179
NOTICIARIO	180
EXPEDIENTE	180

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

REFORMA

DA

ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA

CIRCULAR

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tendo o Ex.^{mo} Vice-Inspector sido encarregado, pela Portaria de 19 do corrente, de formular as bases para a reforma d'esta Academia, encarrega-me S. Ex.^a de rogar a V. queira enviar-lhe até ao dia 14 de Agosto, as indicações e esclarecimentos que julgar necessarios para o auxiliar na execução d'este trabalho.

Deus guarde a V. Academia, 31 de Julho de 1879. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

O secretario,

José Antonio Gaspar.

PROJECTO

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Em cumprimento da Circular que recebi de V. Ex.^a com data de 31 de Julho

do corrente anno, para que me preste a auxiliar com os meus limitados recursos intellectuaes o projecto da reforma dos estudos da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, segundo a indicação da Portaria de 19 do dito mez; procurarei, como me for possivel, corresponder ao difficil encargo que V. Ex.^a se dignou confiar de mim.

Ninguém que preze as bellas artes e sabe avaliar a importancia que ellas tem na civilização deixará de louvar a iniciativa do Governo para dar-lhes a precisa e util organização, de que tanto carecem, para que o seu ensino dê maior nome ao paiz e gloria aos seus cultores; mas a restricção que foi recommendada a V. Ex.^a para não exceder a dotação que a nação ultimamente concede para a Academia exercer o ensino publico, oppõe-se sobremaneira, para que se alcance o desejado fim de se regenerar e completar a instrucção nos seus diversos ramos que são absolutamente necessarios para que os artistas adquiram os conhecimentos que possam habilital-os a exercerem a sua carreira com merecida fama.

Para entrar desassombradamente na materia, devo com franqueza expor a V. Ex.^a o modo como considero o ensino que compete a uma Academia d'esta ordem, e n'um paiz que se presa de acompanhar as outras nações cultas, as quaes não desprezam os progressos modernos que são essenciaes adoptar, para que se aproveitem todos os sacrificios; o que será impossível, ainda quando se recorra a outros estabelecimentos scientificos para o complemento de certas materias indispensaveis no curso das bellas artes.

Além de que, as Academias d'este genero devem ser fundadas com *professores especiaes em todas as cadeiras*, que fornece o conjuncto dos estudos; em quanto as materias professadas nos estabelecimentos scientificos são destinadas para outras carreiras e a varias applicações estranhas aos trabalhos artisticos; e em todos os paizes, mesmo aquelles que não podem dispor de maiores recursos, não preferem esses cursos para o ensino das bellas artes. Sem entrar agora em explicações ácerca dos inconvenientes de frequentarem esses cursos, discipulos que não necessitam de profundar taes conhecimentos para a sua profissão artistica, limitar-me-hei a tratar sómente da maneira mais vantajosa para completar e organizar os estudos da architectura civil, porquanto aos outros ramos das bellas artes não darei a minha opinião por não me julgar habilitado para isso, e n'este caso faltar-me a auctoridade.

Em primeiro lugar, não deve confundir-se o ensino superior de uma Academia com o proprio de uma escola, sendo obvio separar d'aquelle estabelecimento o ensino elementar; occupando-se unicamente do ensino superior das bellas artes para ser frequentado pelos alumnos que tenham já as precisas habilitações para estudarem em uma Academia; haveria por esta *reforma* grande vantagem, não só para os discipulos que se dedicassem á carreira artistica, havendo já dado sufficientes provas de sua vocação, porém ao mesmo tempo seriam mais rapidos os seus progressos na Academia, e este estabelecimento alcançaria maiores creditos dentro e fóra do paiz pelo resultado do ensino.

Estou persuadido de que este meu alvitre não será acceito, não só porque iria alterar o que é seguido no actual ensino da Academia, embora o Governo exija a reforma d'elle; mas tambem por causar novidade entre nós, e sermos, em geral pouco inclinados a innovações, apezar dos exemplos estranhos nos convençam do util exito d'essa reforma; mas como prometti ser sincero e tenho na maior consideração o progresso da minha arte em Portugal, espero me desculpem a ousadia.

N'esta conformidade nenhum discipulo de architectura seria matriculado sem passar primeiro por tres provas: a 1.^a sobre o primeiro anno de ma-

thematica; a 2.^a na solução graphica de um problema de geometria descriptiva traçando o respectivo *épure*; e a 3.^a no delineamento de uma simples composição architectonica, na qual entrariam as precisas proporções de uma das ordens da architectura, além da carta de instrucção primaria e da lingua franceza pelo menos.

A idade para admissão devia ser de 16 annos. O curso completo devia constar de cinco annos nos estudos da Academia, e mais dois na França ou na Italia para aperfeiçoamento dos alumnos que entrassem no concurso de pensionistas, podendo concorrer para obter essa honrosa recompensa até á idade de 23 annos: sendo esta idade o limite para os estudos academicos.

Os aspirantes, depois de satisfazerem ás tres provas exigidas para entrarem na Academia, ficariam pertencendo á *segunda classe*. Depois de frequentarem durante tres annos os cursos indicados n'este projecto e satisfazerem em concursos parciaes comparativos do aproveitamento nos estudos pelas recompensas obtidas nas exposições publicas, passariam para *primeira classe*, onde deveriam desenvolver os conhecimentos architectonicos, scientificos e *praticos* durante dois annos, conforme fosse indicado, no fim do qual fariam exame geral, e se ficassem approvados com distincção poderiam concorrer ao premio de pensionista.

É necessario que o ensino da architectura civil seja o mais liberal possivel; isto é, não deve constranger-se os alumnos a seguir um unico estylo, pelo contrario é preferivel habitual-os a exercitar-se nas composições architectonicas dos principaes typos admittidos na arte de edificar.

A progressiva civilisação dos povos e os progressos alcançados no presente seculo, exigem da profissão do architecto uma instrucção technica mais desenvolvida para estar habilitado a satisfazer cabalmente, não só aos preceitos da arte em si, mas tambem a apurar o gosto do publico executando trabalhos em que se patenteem conhecimentos theoricos e praticos, tanto no apuro esthetico e estabilidade das construcções, como nas commodidades d'ellas, distribuição atilada, salubridade, ventilação, etc., para pôr em boas condições a existencia dos moradores, e embellezar o paiz com edificações agradaveis e artisticas. Será portanto necessario adquirir os conhecimentos especiaes nos diferentes ramos, e enriquecer a imaginação com exemplos os mais perfeitos da arte, para que os possam applicar de um modo mais racional e economico, derivado do fructo d'esses estudos, no exercicio de sua nobre profissão.

Não se poderá obter esse proficuo resultado sem alterar o modo actual do ensino da architectura civil, e completal-o em todos os seus ramos, que hoje

deve servir de base segura para a formação de um architecto que deseje honrar o seu nome e o seu paiz.

Com este proposito deverá constar o estudo da architectura civil das seguintes materias para os alumnos que tivessem sido admittidos na Academia passando pelas tres provas já mencionadas, afim de poderem pertencer á *segunda classe*, na qual deveriam frequentar as disciplinas que lhes competirem, fazendo no fim de cada curso os exames respectivos.

Cursos

- 1.º Stereotomia de pedra, da madeira e do ferro.
- 2.º Geologia, qualidade dos materiaes.
- 3.º Construcção: alicerces, paredes, abobadas, frontaes, vigamentos, madeiramentos, telhados e revestimentos.
- 4.º Estabilidade das construcções; resistencia dos materiaes.
- 5.º Physica applicada ás construcções; distribuição da luz convenientemente nos edificios; ventilação; canalisação adequada das aguas; disposição preventiva contra os raios.
- 6.º Chimica applicada; composição das argamasas, das pedras e dos metaes; conservação dos materiaes.
- 7.º Hygiene: influencia sobre a saude; das condições atmosphericas; da natureza do solo; gases nocivos e miasmas; condições hygienicas das habitações.
- 8.º Machinas: suas diversas composições em que caso podem ser applicadas nas construcções.
- 9.º Contabilidade: orçamentos; avaliações; contratos; medições metricas das obras.
- 10.º Perspectiva: demonstração das suas regras; exercicios.
- 11.º Composição de projectos architectonicos pertencentes a edificios publicos tanto civis como religiosos, urbanos e rusticos, comprehendendo as plantas, fachadas e córtes; detalhes dos elementos de architectura em que forem delineados; bem como os mais importantes da diversa natureza de sua construcção.
- 12.º Historia comparada da architectura, tanto da antiga, como da idade media e renascimento. Architectura nacional, typo manuelino.

Poder-se-ha objectar: onde é que os aspirantes poderiam aprender o desenho de figura, ornato e o das ordens de architectura, não havendo esse ensino senão na Academia? Apesar de tambem ensinarem desenho no Instituto Industrial, assim como a geometria descriptiva, poderia estabelecer-se *um curso elementar* no mesmo local da Academia, ficando todavia a escola separada, e a regencia das respectivas cadeiras preliminares encarregada aos artis-

tas adjuntos da mesma Academia, não só para os discipulos que pretendessem depois matricular-se em architectura civil, mas para as pessoas que costumam frequentar esse estabelecimento sómente para aprender a desenhar; e d'este modo obviar-se-hia á difficuldade em augmento excessivo da despeza.

Para restringir o menos que seja possivel o numero dos professores necessarios para estas indispensaveis disciplinas, poderiam as doze cadeiras propostas ficar reduzidas a seis professores, dividindo-se os cursos d'este modo:

- 1.º Geometria descriptiva e perspectiva — 1.
- 2.º Stereotomia e geologia — 1.
- 3.º Construcção e estabilidade — 1.
- 4.º Composição de architectura, contabilidade e machinas — 1.

5.º Physica, chimica e hygiene — 1.

6.º Historia da architectura e theoria da arte — 1.

É o que se me offereceu a propor em geral, pedindo desculpa a V. Ex.^a de não ter podido remetter este imperfeito trabalho no dia designado na circular que me foi dirigida.

Deus guarde a V. Ex.^a. Campolide, em 18 de Agosto de 1879.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Commendador Delfim Guedes, Vice-Presidente da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa.

O ARCHITECTO,

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

Havendo frequentado a Aula Regia do risco, estabelecida no convento dos Caetanos em Lisboa, em 1824, cujo professor desempenhava *de manhã as funções de official de contabilidade* no Erario, e *de tarde ensinava a architectura civil*; sendo esse ensino feito sem methodo e critica, e tendo-o depois comparado com aquelle que se praticava em França e na Italia, onde estudei e me aperfeiçoei na minha profissão, julguei do meu dever apresentar em 1834 uma memoria ácerca d'esse ensino em Portugal, para que saísse do lamentavel atrazo em que permanecia com grave desdouro para a arte e descredito para o paiz. O officio que em seguida reproduzo confirma esta minha declaração.

J. da Silva.

«Illustrissimo Senhor. — Foi presente á Commissão encarregada por Sua Magestade Imperial O Duque de Bragança Regente em nome da Rainha de Lhe propôr um Plano Geral d'Estudo, Educação e Ensino Publico e da Reforma da Universidade de Coimbra e mais Academias, Escolas e Estabelecimentos do Reino, a Memoria que Vossa Senhoria lhe dirigiu sobre os novos Estatutos para organizar

as Aulas e Casas de risco da Capital, e me encarrega de comunicar-lhe que a viu com muita satisfação e que a terá, em tempo opportuno, na consideração que ella de certo merece. — Deus Guarde a Vossa Senhoria. Sala da Commissão em vinte quatro de Janeiro de mil oitocentos trinta e quatro. Illustrissimo Senhor Joaquim Possidonio Narcizo da Silva. — (Assignado) *João Baptista d'Almeida Garrett.*»

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 9, pag. 132)

A sessenta leguas da primeira cataracta do Nilo, e a doze leguas da segunda, quem sobe este rio observará o aspecto o mais arido do paiz em que está e ficará com o coração opprimido pelo sentimento da mais profunda tristeza, vendo a solidão que o cerca; porém continuando a subir o rio, repentinamente será surpreendido, descobrindo collosaes fachadas de templos subterraneos, esculpidas de um modo admiravel nos flancos da propria montanha, que encerram as margens escarpadissimas. Servem para indicar externamente a entrada d'esses templos figuras gigantescas, as quaes fazem lembrar as mais bellas obras e de maior vulto da Thebaide: este logar, designado pelo nome de Ebsamboul, é reputado pelas suas curiosas antiguidades, o mais interessante da Nubia inferior.

A montanha foi cortada sobre um plano inclinado no comprimento de vinte e sete metros, e na altura de trinta e um, com inclinação quasi igual á que costumavam ter os pylonos egypcios, isto é, os porticos dos templos. Foram, pois, talhados n'essa rocha seis nichos altos e profundos, conservando-se todavia a pedra necessaria para se poderem formar seis estatuas collosaes, como representa a vista do quadro J, ¹ monumento pertencente ao Pharaó Rhamsés o Grande e sua mulher — elle com seus filhos aos pés, e ella com as filhas. Os nomes e titulos de ambos estão gravados em roda das figuras. Foram estas estatuas depois acabadas com todo o esmero, em um estylo grave, nobre e veneravel. Concluido este frontespicio, seguiu-se outra obra não menos gigantesca e difficil, havendo os artistas humbianos excavado no interior da rocha viva, em uma profundidade de vinte e tres metros, para estabelecer um *pronaós*, uma *naós*, um santuario, e finalmente duas outras pequenas casas collocadas no topo d'elle. O tecto do pronaós, em logar de ser sustido por columnas (como era o uso nas primitivas construcções egypcias), tem como pontos de apoio

grossos pilares quadrados, postos sobre um espaçoso soco, havendo no remate uma cabeça de mulher, esculpida em alto relevo. A largura d'este monumento é de dezeseis metros.

Os lados internos da montanha que fórma este vestibulo estão cobertos com baixos relevos pintados, e são de um bom estylo e de excellente trabalho: todas estas esculpturas representam actos religiosos, em que se faziam offertas á divindade principal do templo de *Athor*, a *Venus Egypcia*, irmã do deus da Luz, a qual presidia á agua e ao mar, e fazia parte da Trindade adorada no Egypto.

O santuario está esculpido e ornado com hiéroglyphos da mesma maneira como estão todas as partes do mesmo monumento. Os assumptos são historicos, civis e guerreiros; todas as esculpturas estão bem conservadas, porém acham-se denegridas pelo fumo do lume que fazem os pastores quando são obrigados a defenderem-se dentro d'estes monumentos contra os ataques dos arabes; todavia ainda se divisa o tecto pintado de azul para imitar o céu, e as molduras em roda do templo com as tres côres, que indicavam a divisão territorial do Egypto.

Não póde haver duvida a respeito de ser este o templo dedicado á divindade *Athor*, quando se examinam os objectos que representaram dentro do santuario; ahi se notam duas pilastras com cabeças de mulher sustentando um pequeno templo, havendo entre ellas em relevo muito saliente a *bezerra sagrada*, cuja pelle desce até ao chão, emblema este que competia á mesma deusa. As esculpturas foram feitas com muita delicadeza, porém pouco expressivas.

Este monumento pertence ao tempo de Sesóstris, tendo sido particularmente destinado ao culto, pois que os assumptos das esculpturas consistem em offertas feitas aos deuses, apresentadas pelo rei egypcio e por uma figura ricamente vestida, que se suppõe ser a rainha.

Para apreciar bem o merito artistico d'este templo, deveriamos examinal-o em relação á sua concepção architectonica, e á sua execução e decoração. Para se fazer este exame, util e completo, seria preciso desenvolver os principios geraes da arte egypcia, ir buscar exemplos tirados das obras primas d'esta architectura, depois comparar a estes typos o monumento; mas um tal trabalho comparativo iria além do fim a que nós nos propozemos no presente estudo, e portanto limitarmos-hemos á descripção do monumento.

Do mesmo modo que no maior numero dos hypogeos de Thebas, os pontos de apoio não são formados por columnas, mas sim por pilares quadrados, havendo-se adoptado esta forma de preferencia para lhes dar maior solidez. A mesma razão de solidez explica a diminuta altura d'estes pilares, comparados á sua base. A simplicidade e a regula-

¹ Está exposto no Museu Archeologico do Carmo.

ridade do plano não davam logar a nenhuma outra explicação.

Em quanto á execução da escultura das figuras e dos caracteres hieroglyphicos egypcios, são todos feitos com esmero e delicadeza.

Em logar de alizar a face da montanha d'estes templos, deixaram-lhe entre os colossos grandes contrafortes que seguem a inclinação geral do talude da montanha, dando por isso a esta fachada um aspecto inexplicavel ao primeiro golpe de vista. D'esses colossos, principalmente o corpo da rainha *Nonfré-Ari* tem o contorno e as formas graciosas que a natureza dá ao seu sexo. A representação d'uma personagem feminina n'este monumento, o colloca em separado de todos os outros; e o interesse augmenta muito mais conhecendo-se que elle foi erigido pelo amor conjugal, em memoria d'um rei, do qual a antiguidade tem celebrado o amor constante e dedicado pela sua esposa. Além de termos a satisfação de possuir o retrato parecido e agradável de uma princeza, da qual a belleza foi tão fallada ha perto de 3:300 annos, é tambem uma preciosidade existir esse trabalho artistico onde tudo foi cuidadosamente calculado para a destinação que lhe deram, onde as côres as mais mimosas, a escultura a mais apurada, foram judiciosamente escolhidas e applicadas, e assim como as formas mais apropriadas para tornar mais saliente a idéa unica que domina em tão grande obra.

Os diversos monumentos egypcios que já temos examinado nos fizeram vêr qual era a idéa dominante que tinha esta nação a respeito dos seus monumentos, era que surprehendessem tanto pelas suas formas collossaes, como pelo arrojo de execução, além de serem todas as esculturas symbolicas derivadas da sua theologia e da sciencia astronomica. É sem duvida por este constante e invariavel modo de construir monumentos, que os egypcios poderam conservar o caracter que tanto distingue a sua arte monumental entre as outras dos povos da antiguidade.

Quinta prelecção

Recapitulemos as differentes phases por que passou a arte monumental no Egypto. Desde as épocas mais remotas da historia, em que elle se compunha unicamente da Thebaide, o Nilo circulava desde os montes da Lua até á montanha Syena, onde nasce a primeira cataracta, atravessando os desertos libycos e um oceano de areias, o qual se prolonga até ao Mar Vermelho. Foi este paiz habitado na sua primitiva por um povo nomade, que, como acontece no principio de todas as sociedades humanas, se civilizou pouco a pouco, e se occupou em primeiro logar da cultura das terras: descendo depois para as planicies, que o rio Nilo rega e fertilisa,

ergueu sobre essa terra fecunda os monumentos do seu culto, de suas instituições e artes. Quando a industria dos homens se apoderou d'esse rico valle do Nilo, a sua civilisação progrediu com uma rapidez extraordinaria; a situação vantajosa do paiz, pela proximidade de regiões abundantes, foi causa dos seus rapidos progressos, e da poderosa influencia que adquiriu esta intelligente nação.

No principio, o Egypto foi governado pela casta sacerdotal, cuja dominação bastante se prolongou. Substituiu-a a classe guerreira, em virtude de uma revolução realisada por Menés I, rei da 1.^a dynastia em 5877 antes da era vulgar, havendo sido esse mesmo rei quem fundou a cidade de Memphis, e estabeleceu n'ella a capital do novo imperio. Depois, dezeseis outras dynastias lhe succederam, sob o governo das quaes o Egypto adquiriu o maior auge de prosperidade. É d'este tempo que data a *primeira época* da arte monumental n'aquelle paiz.

No anno 2082 antes de J. C., o Egypto foi invadido por um povo barbaro, os Hycsos, ou os reis pastores, phenicios de origem, que se apoderaram d'elle, demoliram os monumentos e fizeram todos os esforços para abolir as antigas instituições que regiam aquella nação.

A Amesis, ultimo rei da 17.^a dynastia, coube a gloria de ter expulso da sua patria esses estrangeiros, e seu filho acabou de libertar o Egypto, restabelecendo o governo sobre as suas antigas bases em 1822 antes de J. C. Então novos monumentos se levantaram em todo o territorio, soberbos e magnificos; as cidades se cobriram de templos; as artes, a industria e a agricultura tomaram um desenvolvimento consideravel; por toda a parte uma admiravel e engenhosa actividade foi dada aos trabalhos de utilidade publica. É esta a *segunda época* da arte monumental.

Porém depois da 22.^a dynastia, a civilisação da Nubia apresenta um periodo de repouso. A famosa Thebas e o alto Egypto parecem estar exhaustos: elle não produz nem reis poderosos, nem maravilhas na arte monumental; a velha capital theocratica não conserva senão por unico privilegio as suas pomposas ceremonias religiosas, enquanto o baixo Egypto apparece n'esse mesmo tempo augmentando a sua preponderancia, tendo-se elevado em intelligencia e em auctoridade. Todavia no reinado da 24.^a dynastia de Bocohorés, passa o Egypto para a dominação de Sabacom, rei da Ethiopia, 1762 antes de J. C. Em menos de um seculo depois, uma nova dynastia se poz á testa do governo egypcio, mas a sua existencia foi de curta duração; acaba na pessoa de Psammenite, o qual foi vencido por Cambyzes, rei da Persia, 522 antes de J. C. O Egypto ficou então sob o jugo d'aquelle nação. Estes conquistadores eram menos barbaros que os Hycsos;

todavia despojaram os tumulos, e arruinaram quanto puderam os monumentos, que faziam a gloria d'aquelle paiz.

Os persas foram depois expulsos pela primeira vez do Egypto em 404 annos antes de J. C. por Amyrteus, que restabeleceu as antigas leis e reparou os monumentos. Porém o Egypto tornou a cair no poder dos persas em 338; e logo depois veio a ser uma das provincias do vasto imperio de Alexandre o Grande, 332 antes da era vulgar. Depois da morte d'este rei de Macedonia, ficou Ptolomeo sendo o senhor do Egypto; não obstante ter perdido a sua independencia, conservou porém o seu culto, e seus costumes e o Egypto recuperou mesmo o seu antigo esplendor, e brilhou como antes nas artes, no commercio e na industria. Os typos ficaram sendo os mesmos nas obras de escultura e pintura; os monumentos conservaram as suas antigas disposições, mas elles perderam inteiramente a sua viril severidade. É este o *terceiro periodo* da arte monumental do Egypto.

Dos restos d'estas construcções tão celebres na antiguidade, trataremos hoje, fazendo a descripção do maior dos templos edificadas pelos Ptolomeos em Edfou, na grande cidade de Apollo, como os gregos lhe chamaram depois — *Apollinopolismagna*, templo representado na vista do quadro *F* no seu primitivo estado.¹

O templo d'Aroéris em Edfou

Sobre a margem esquerda do Nilo, a vinte leguas de Thebas se encontra o curioso monumento do templo de Edfou.

Como todos os grandes templos do Egypto, que eram dedicados a uma divindade principal, fazendo parte de uma Trindade, a qual representa a unidade divina, isto é, o composto de um principio masculino, de um principio feminino, e de um filho descendente d'ella, tambem no tempo dos Gregos este monumento foi dedicado a Aroéris, o Apollo da mythologia grega e romana, representando elle o filho dos deuses da sciencia e da luz celeste personalisada, da qual o sol era a imagem no mundo material. Pertencia igualmente este templo á deusa *Athor*, a Venus egypcia.

Examinando este grande edificio que tem 138^m de comprimento, e perto de 65 de largo, vêem-se colossaes *pylonos* (portaes) voltados para o sul, que de longe serviam para annunciar magestosamente a entrada do templo, como nos edificios da nossa religião as elevadas torres indicam de grande distancia o logar santificado. Ornam estes portaes gigantescos esculturas cinzeladas em concavo na mesma

pedra; na parte superior, na frente principal, vêem-se as divindades do proprio templo, e as que pertencem aos templos da provincia (*nomos*), assentadas em thronos, e collocadas em dois renques, para receberem as offerlas dos Ptolomeos, Soter II e seu irmão Alexandre, filhos de Cleopatra, os quaes se fizeram representar n'estas esculturas, tendo mandado gravar os seus nomes e pronomes em laminas de fôrma oval que se acham embutidas sobre este monumento.

Na parte inferior do pylono, [do lado oeste, está representado um Ptolomeo de extraordinaria grandeza, que com a *harpa divina castiga os povos rebeldes*,¹ na attitude de pegar com uma unica mão pelos cabellos de varios corpos reunidos em grupo.

Ha uma particularidade muito para notar, é que na parte interna d'esta mesma massiça construcção, entre as outras esculturas de offerlas e de devoção, collocaram um Ptolomeo na attitude de levantar um obelisco com uma *corrente*.

Nos numerosos baixos-relevos dos monumentos d'este paiz, nos quaes os egypcios nos transmittiram todas as phases da sua existencia, não ha todavia um só que nos represente a maneira maravilhosa como transportavam os seus monolithos, e o modo como praticavam para levantar os obeliscos. É de suppor que elles se servissem de planos inclinados, para este fim, mas, como tinham a difficuldade de saberem representar em desenho esses planos, visto que ignoravam a perspectiva, fosse esta a causa de terem omittido o modo de fazerem essa operação mechanica.

Estes pylonos têm aberturas na parte inferior e buracos na sua extremidade superior, o que servia para firmar os mastros embandeirados de excessiva grandeza, a fim de ficarem mais superiores á elevação dos pylonos. Arvoravam até ao numero de dez d'estes mastros para indicarem a entrada de qualquer templo, adoptando, para as flammulas, as côres azul, amarella e encarnada, como ainda presentemente se faz differença nas pinturas, para representar a divisão do alto, médio e baixo Egypto.

No interior d'estes portaes ha escadas que conduzem dos terraços, das galerias, do pateo aos terraços dos pylonos e aos quatro andares divididos em quartos; recebendo luz atravez as esculturas dos mesmos pylonos, o que demonstra que essas esculturas foram feitas posteriormente; além d'isso ha um pequeno terraço, por cima da grande porta do templo, que serve para dar communicação entre os dois pylonos.

A porta pela qual se entra no grande templo *G*, tem as hobreiras cobertas de esculturas repre-

¹ Está exposto no Museu Archeologico do Carmo.

¹ Veja-se a representação d'esta scena na mencionada vista do quadro *F*.

sentando offerlas; é rematada por uma cornija com perfil egypcio, ornado de um globo com serpentes aladas. Este adorno que se encontra sobre todos os monumentos egypcios, representa o sol com os symbolos da immortalidade e do movimento.

É igualmente muito notavel o verem-se alli duas pedras de fôrma de misolas, que estão postas uma á esquerda e outra á direita da verga superior. Isto faz crer que ellas serviam para apoio de um guardavento em madeira ou grande cortina, como frequentemente se vê indicado nos baixos-relevos pertencentes aos seus monumentos.

Esta grande porta dá entrada ao paterio *H* do templo, que está rodeado de porticos *I, I, I*, nos seus tres lados, e o qual precede a um bello pronaos com 18 columnas, *J*, occupando este o fundo dividido pelas outras do paterio. Serve este recinto presentemente de armazem para os cereaes recebidos dos tributos. Durante o dia os rapazes estão nos terraços fazendo um extraordinario alarido, para impedir que os passaros venham comer as rendas do Estado.

Todas as columnas, todos os frisos, todas as cornijas, as faces das paredes internas e externas d'este paterio e do pronaos, tudo está coberto de esculpturas symbolicas, de inscrições hiéroglyphicas, de assumptos representando offerlas e actos de devoção. Entre estas esculpturas apparece o deus do amanhecer, identificado com o sol, o seu occaso e as diversas fôrmas symbolicas para cada uma das doze horas do dia, indicando tambem os nomes d'essas horas. Foi esta descoberta feita pelo joven e sabio Champollion. Os dois elegantes capiteis com folhas de palmeira que ornão as columnas collocadas ao centro das outras, pertencem á época do dominio grego; pois que antes os egypcios nunca se serviam d'este adorno nos seus monumentos. Segue-se o naos *K* composto de 12 columnas e de uma porta conduzindo ao santuario *L*: mas agora unicamente da parte exterior se acham os vestigios das escadarias que conduzião ao interior do terraço d'este monumento, e pôde-se mesmo d'ali reconhecer as pro-

porções do santuario *M*, e das salas adjacentes, visto que a altura dos entulhos impede absolutamente que penetre a claridade no interior d'este santuario para ser examinado, o qual serve de refugio a uma immensidade de morcegos.

Um outro pequeno monumento, que está situado obliquamente em relação ao grande templo, é designado com o nome de *Mammisi* — um dos logares reservados para as rainhas darem á luz os Pharaós, que o povo reputava como semi-deuses. Estes templos achavam-se sempre juntos aos locaes onde uma trindade egypcia era adorada, para indicar o recinto da habitação celeste, na qual a deusa d'esta trindade havia produzido a terceira personagem, pertencente á significação symbolica d'este templo.

Este recinto sagrado é composto de um vestibulo, e de uma pequena casa com uma escada para se subir ao terraço. No fundo d'este templo está a sala destinada para o acto de maternidade; o tecto é sustentado por columnas; em roda ha uma galeria, de que ainda hoje existe sómente um dos tres lados. São os capiteis d'este monumento compostos com as flores do lotus, apparecendo nas quatro faces a figura de *Thyphon*, genio do mal, com as feições as mais horrendas e com a cabeça de hyppopotamo; representação esta que apparece em todos os *mammisis*. Vê-se pois que os egypcios, como os outros povos da terra, consideraram o homem em relação á sua fraqueza, respeitando sempre por medo o genio do mal, assim como fortalecendo o seu animo na adoração dos deuses, dos quaes imploravam e esperavam toda a protecção.

Se n'estes templos apparece a figura hedionda do *Thyphon*, collocado sobre todas as columnas que cercam o recinto reservado, é com o intuito de intimidar e afugentar os indiscretos para não penetrem no asylo sagrado destinado a um dos actos mais mysteriosos da natureza.

(Continúa)

O architecto,

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES

MATERIAES PARA CONSTRUÇÃO

(Continuado do n.º 9)

Em relação á construcção resta tratar de outro material de natureza calcarea — o *gesso* — tambem chamado *sélenite*, corpo que na chimica se reconheceu ser o sulphato de cal, o qual se exprime pela formula — $\text{SO}_3, \text{Ca O}$.

É portanto o *gesso* uma combinação de cal e acido sulphurico, que crystalisa por tres fôrmas.

O *gesso* existe na natureza em combinação com uma certa quantidade de agua e da qual se separa pela acção do calor em fornos apropriados.

Encontra-se ordinariamente em massas compactas, em fôrma de bancos mais ou menos espessos, nos logares superiores dos terrenos de sedimento.

Os antigos conheceram o gesso, e foi muito aproveitado nas artes pelos romanos.

Diz-se que Augusto o tomara como veneno e que d'isso morreu.

Theophrasto indica o modo de o obter.

Depois dos romanos o gesso tem sido aproveitado nas artes e d'elle se tem tirado muito proveito.

Simples ou composto, fazem-se com elle bellas estatuas, grupos, vasos, medalhas e outros objectos, que, além de servirem de ornato, têm a dupla applicação de servirem de modelos.

Serve á extracção de copias, e á construcção de fôrmas, pelo que é immensamente util ás artes de esculptura, modelação, ceramica e ornamentação. Actualmente faz-se em Italia e França uma massa de gesso e stearina que imita perfeitamente o marfim e a qual depois de metallizada com a plumbagina e tratada depois pelo galvanoplastico imita perfeitamente obra metallica.

Os antigos alchymistas indicavam o gesso por um signal de fôrma um pouco exquisita e que não será facil descobrir qual a idéa que o suscitou como se póde julgar da seguinte figura :



O gesso, quando secco e puro, tem a propriedade de ser ávido de agua, e de se combinar de novo com ella desenvolvendo calor e endurecendo em seguida, circumstancia a que se dá o nome de *sesão*: é d'essa propriedade que resulta a sua maior utilidade nas artes que o empregam, e é ali conhecido pelo nome de *gesso de presa*.

Em virtude da propriedade que tem o gesso de presa de endurecer com facilidade absorvendo a agua, ou, para melhor dizer, vaporizando-a, utilisam-n'o as artes e a industria; simples ou composto, com varias substancias e tintas, serve na confecção de estatuas, grupos, medalhões, modelos, fôrmas, medalhas, vasos, ornatos, estuques, etc., e mesmo nas imitações de marmores artificiaes.

Nas terras humidas é empregado o gesso, como adubo, com bom resultado; systema que foi introduzido na America por Franklin, e hoje se usa na Europa com reconhecido proveito.

O gesso não hydratado, isto é, o que não tem *sesão*, chama-se *gesso de pintor*, e serve n'essa arte a varios usos.

O gesso (sulphato de cal) é pouco soluvel; contudo existe em dissolução em quasi todas as aguas, circumstancia que em certa quantidade lhe é essencial; quando porém em excesso, torna a agua grossa e pesada, sendo então nociva ao estomago e á di-

gestão: taes aguas são classificadas como *salobras*, não dissolvem o sabão, nem cosem os legumes¹.

O gesso (sulphato de cal) é insipido e não se decompõe pelo mais vivo calor; é um dos saes mais insolueis na agua, tanto a frio como a quente, e no alcool é absolutamente insoluel, bem como no petroleo, pelo que é um optimo vedador d'aquelles liquidos e outros semelhantes.

Ha uma experiencia curiosa que prova a insolubilidade do gesso: juntando á solução do *azotato de cal*, *acido sulphurico*, forma-se rapidamente um precipitado, que absorvendo a agua da mistura, se torna um corpo solido, que o gesso (sulphato de cal) facto que os antigos chimicos conheceram e a que deram o nome de *milagre chimico*, tal era a admiração que causava dois liquidos transformarem-se em um solido.

Os crystaes de sulphato de cal são muito molles e têm a propriedade de decompor a luz, apresentando lindissimas côres.

As laminas d'aquelles crystaes davam os romanos o nome de *pedra sepecular*, e os francezes chamam-lhe *pierre à Jésus*, ou tambem *miroir d'âne*.

A variedade cuja crystalisação é compacta, é o que se chama *pedra de gesso*.

As variedades que se apresentam laminares e saccharoides, constituem o chamado alabastro branco que póde ser facilmente operado e polido, adquirindo assim um lindo aspecto, e comquanto seja fragil, fazem-se d'elle bellas peças de ornato.

Em geral o sulphato de cal (gesso) é um hydrato que não produz effervescencia com os acidos.

Ha um genero a que os mineralogistas dão o nome de *anhydrita* ou *karsténita* que se encontra nos terrenos antigos. Perto de Milão encontra-se uma variedade d'esse genero a que os artistas dão o nome de *marmore de Bergamo*.

Já sabemos que o gesso cosido é anhydro, e que por isso absorve facilmente a agua, desenvolvendo calor, endurecendo e tornando-se resistente; perde porém essas propriedades com o tempo, especialmente exposto ao ar, quando n'esse estado toma a designação de *gesso arejado*.

Os moldadores, estucadores e mesmo outras artes aproveitam as propriedades do gesso para o applicarem a varios usos e obras, taes como fôrmas, decorações, ornatos, figuras, medalhas, estuques², etc.; e mesmo tambem a imitação de diferentes marmores, por quanto a isso se presta, toma facil e

¹ As aguas salobras pódem-se beneficiar e mesmo mudar a sua propriedade, juntando-lhe, por cada 15 litros 30 grammas de bicarbonato de soda, agitando bem e deixando em repouso por vinte e quatro horas; forma-se então o sulphato de cal que, sendo insoluel, se precipita.

² O estuque forma-se por diversos modos segundo os usos a que se applica, e essas formulas são conhecidas dos respectivos operarios.

esplendidamente as côres, e pule-se bem em virtude da finura da sua massa.

Seria ocioso fallar aqui ácerca dos modos de empregar o gesso e mesmo indicar as formulas dos estuques, por isso que os respectivos artistas muito bem as conhecem.

Trataremos só da imitação dos marmores por serem operações menos conhecidas.

Forma-se uma massa molle com gesso e colla de Flandres branca dissolvida a quente; aquella massa é deitada convenientemente, segundo a arte, nos respectivos moldes, e, quando secca e rijá, pule-se com pedra pomes ou tripoli, depois com panno felpo e pó impalpavel de pedra pomes, e agua de sabão, acabando o trabalho só com agua de sabão e o panno, até se conseguir o polido desejado; para então essa parte do trabalho, lava-se e enxuga-se bem a peça, e depois puxa-se o brilho com panno e oleo de nozes ou mesmo linhaça.

Ha diversos meios de endurecer o gesso, e por consequencia os marmores com elle imitados, tanto por immersão, como mesmo por aspersão; para isso serve a solução do alumen (pedra hume), a solução do sulphato de zinco neutro (caparosa branca), solução do silicato de potassa ou de soda: qualquer d'estas soluções pôde ser empregada para o endurecimento; comtudo, sendo a operação feita com o sulphato de zinco, tem a vantagem de evitar a oxidação das particulas metallicas que o gesso contém.

Os gessos assim preparados tornam-se muito consistentes, e ainda mais pela addição de areia fina, a ponto de resistir vantajosamente á acção do tempo.

O sr. Dumesnil inventou uma pedra artificial tão dura que substitue perfeitamente as meliores e mais rijas pedras de construcção e estatuaría, tanto para o interior como para o exterior dos edificios, a qual se obtem diluindo em 500 litros de agua, 7 de alumen, 6 de cal extinta e 1 de ocre fino, junta-se-lhe depois 1 de colla forte dissolvida em 5 de agua quente, ao que tudo se juntam 900 litros de gesso amassado e encorporado com 450 litros de areia fina de praia (não argilosa).

A preparação pôde moldar-se e leva de doze a treze horas para fazer preza; tira-se então dos moldes e secca-se ao ar. A pedra assim obtida toma o nome de *pedra ficticia*, é susceptivel de se polir, e torna-se em estado de resistir ao tempo cobrindo a superficie com *silicato de potassa* a 25 grãos, que é inatacavel pelos agentes atmosphericos.

O gesso immergido em alcool contrahe-se e diminue uniformemente na rasão de 3 para 1, circumstancia muito apreciavel em modelação, copia de medalhas, e baixos e altos relevos.

Tira-se a primeira copia em gesso, immerge-se ou mesmo lava-se com alcool, d'essa copia tira-se

um *cliché* em metal fusivel¹, d'esse tira-se outra copia em gesso procedendo com ella em relação ao alcool do mesmo modo que na primeira, da segunda copia tira-se novo *cliché*, e procedendo assim de copia em copia e *cliché* em *cliché*, consegue-se a diminuição precisa. A peça assim reduzida conserva toda a sua belleza e finura dos detalhes.

Apesar da insolubilidade do gesso, encontra-se em muitas aguas, e a sua presença até certo ponto não as prejudica; quando porém muito saturadas d'aquelle corpo, dá-se-lhes o nome de aguas *selenitosas*: taes aguas, que vulgarmente se chamam *salobras*, são sempre peizadas e nocivas ao estomago e digestão, não cosem os legumes nem se prestam aos usos domesticos como já dissémos, assim como indicámos o modo de as tornar potaveis.

Agora indicaremos de novo o modo de as tornar proprias a qualquer uso, modo que pouco ou nada differe do anteriormente ensinado.

Juntando a qualquer agua salobra 120 grammas de sal de soda por 1 hectolitro de agua, fica apta a qualquer uso industrial; quando porém seja necessario uma agua mais limpida, juntar-se-ha á mesma quantidade 320 grammas de crystaes de soda, tendo cuidado em qualquer caso de agitar bem o mixto e deixar assentar.

Os fornos em que se cose o gesso são ordinariamente como os da cal, pouco mais ou menos; comtudo o mesmo sr. Dumesnil inventou um, que se diz dar excellentes resultados, e que por isso mereceu ser patrocinado pela sociedade de *Encouragement*.

Os reagentes do gesso são os da cal, e na agua é facil descobrir-se juntando-lhe a tintura de campêche, por isso que, quando exista, se manifesta immediatamente uma linda cor de vinho mais ou menos carregada, conforme a quantidade contida.

O gesso, além de ser util nas artes, é tambem empregado na medicina ou, para melhor dizer, na cirurgia, servindo-se d'elle para um apparelho nas fracturas de pernas e braços especialmente, apparelho que foi inventado pelos srs. Hendriksz, distincto facultativo hollandez que operou com elle no hospital de Grœniger, e Keyl em Berlim.

É o gesso considerado como *toxico*, e cuja cura é difficil por causa da sua insolubilidade.

Não fecharemos este artigo sem dizermos uma circumstancia ou abuso, de que o gesso é victima, a nosso ver de difficil explicação; pelo menos não

¹ Ha tres formulas de metal fusivel que qualquer d'ellas serve para o effeito. Primeira, bismutho 120 grammas, chumbo 75, e estanho 45: derreta o primeiro em cadinho, junte o segundo e terceiro, que tudo funde a temperatura da agua a ferver.

A segunda formula é zinco, bismutho, chumbo, de cada metal 30 grammas: funde ao calor de uma luz sobre papel.

A terceira compõe-se de chumbo 3 grammas, estanho 2, e bismutho 5: funde a 197 grãos de calor (therm. Fahrenheit).

podemos descobrir qual a razão ou facto em que se funda, mas o que é certo, é que tal superstição tem prejudicado muito uma industria de que quasi especialmente se occupavam os italianos ou, para melhor dizer, os napolitanos.

Aquella industria, aliás util e bella, consistia em fabricar perfeitissimas medalhas, bustos, grupos, figuras, vasos, etc., de gesso, que os fabricantes le-

vavam a todos os paizes, e vendiam por diminuto preço; correu porém entre o povo — e só Deus sabe talvez, como, e para que fim — *que quem tinha em casa taes objectos de gesso lhe fugia a felicidade e a ventura*. Oh! superstição, de quantos males e pieguices tens sido causa; e talvez sem remorsos por parte d'aquelles que te originam.

F. J. DE ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

EDIFICIOS RELIGIOSOS EM PORTUGAL

LEIRIA

A igreja do Castello

As ruínas que hoje existem da igreja do castello de Leiria, não são as da primitiva igreja que D. Affonso Henriques edificára, a qual, dizem, era mais pequena e d'outro feitio; excepto mui visivelmente a torre ou campanario contiguo, que pela sua rudez denota muito maior antiguidade e destôa completamente do apurado da igreja. As ruínas actuaes pertencem a outra igreja, que D. João I mandou construir, ao que parece, no mesmo local da primeira.

Dizem, que nas linhas e forro, e na capella-mór estava a sua divisa, e no côro as suas armas. Quanto ás linhas, forro e côro, não se pôde já agora verificar, porque tudo desapareceu; mas da capella-mór ainda dura o tecto, de abobada, e no centro d'elle a divisa; vê-se também nos capiteis de algumas pilastras das janellas da mesma capella, e na face exterior da parede do lado da epistola. É identica á que já tenho visto em moedas d'este rei; duas peças, que se me figuram umas faxas, unidas em angulo agudo nos extremos inferiores, e por cima uma corôa: com a differença que a da nossa igreja está no meio de duas cadêas ou collares, ou cousa que o valha, concentricas; e a das moedas não. Ainda não pude obter uma explicação definitiva e satisfactoria d'esta figura: a mim tem-me querido parecer a insignia da Ordem da Jarreteira; mas não ousou affirmar o. As armas, como disse, desapareceram; ha porém outras, n'uma parede do alcaçar ou paços, que são inquestionavelmente as de D. João I.

Vêem-se também na capella-mór, ao lado da epistola, duas cruzes em relevo, semelhantes ás dos Templários, no mesmo nivel, mas com certo intervallo,

pois que, sendo a capella octogonal, uma cruz está n'um dos oitavos, e a outra no immediato. Como estas ha outras duas, porém mais toscas, no arco da torre da igreja, uma d'ellas no fecho, e a outra um pouco ao lado; e junto ao chão (hoje, por causa dos entulhos) ainda outra; mas esta assimilha-se mais ás de Christo. Não sei a significação d'isto.

A igreja tinha vidraças pintadas, mandadas fazer por el-rei D. Manuel: em uma d'ellas estavam as suas armas com este leitreiro — *El-Rei D. Manuel as mandou fazer*. — Atribue-se ao mesmo a sachristia, obra insignificante, e dizem que tinha no tecto a sua divisa. Pôde haver engano, porque na padieira da porta exterior da mesma sachristia acho a data de 1537, a qual coincide com a da morte de D. João III. Entretanto esta data talvez marque somente a época da abertura da porta.

Tinha alpendre, de que ainda restam vestigios, e n'elle a seguinte inscripção — *Esta igreja he de Santa Cruz de Coimbra*.

Proximo á igreja havia um outro arco, do qual ainda existem signaes. Dizem, que estava n'elle um nicho com a imagem de Nossa Senhora, e o distico e leitreiro que seguem:

*Virginis intactae dum veneris ante figuram,
Praeteriens cave, nisi dixeris: Ave (Maria?)*

«*O Mater Dei, Regina caelorum, te rogamus, memento servorum tuorum*. — E vós, irmãos, lembrai-vos de mim, que em louvor da Virgem Nossa Senhora, para vossa consolação, mandei fazer esta obra no anno do Senhor de 1538. Diogo Dias, vigario da vara de Leiria.»

Tinha a igreja quatro altares, contando com o altar-mór. Dos tres lateraes, um era dedicado a S. Braz, o segundo á Magdalena, e o terceiro, que ficava quasi fronteiro á porta (que é ao lado da igreja) tinha a invocação de Jesus. Tanto n'este, como no da capella-mór havia retabolos; mas o da capella-mór, ao tempo que escrevia o A. de quem

vou extrahindo estas notícias,¹ era já o terceiro, tendo ardido o primeiro e o segundo. D'este diz o A. que tinha quatro paineis, muitas figuras de vulto, e a arvore de Jewé, *obra muito curiosa e excellente pintura*, e outro retabolo pequeno no alto, onde estava a Santissima Trindade em vulto; que tinha custado este segundo retabolo da capella-mór, em madeira 90\$000 réis, e a pintura 140\$000 réis, preços que, para aquelle tempo, denotam uma obra importante. Salvaram-se do incendio apenas os paineis e a imagem de Nossa Senhora, sem lesão alguma, não obstante ter sido tirada depois de queimado o retabolo. Reformou-o, alguns annos adiante, o bispo D. Francisco de Menezes (1624 a 1626); mas, segundo entendo do mesmo A., foi obra pouco importante.

Sobre o altar de Jesus estava um escudo com as armas dos Sousas. Este altar, no decurso do tempo, foi mudado para outro lugar, e no que elle occupára poz-se, para memoria, um escudo de pedra, com as cinco chagas, e por cima a palavra JESUS. D'isto ainda ha vestigios.

Afóra os paineis e a imagem acima referidos, havia outros muitos, e imagens de pedra. As imagens não sei hoje onde param: é mais que provavel, que as destruissem os francezes em 1810, assim como destruíram n'esta terra tudo a que puderam chegar ou para que tiveram tempo, sagrado e profano. Dos paineis ou quadros, talvez sejam alguns que ainda existem na sacristia da cathedral, excepto o do *Nascimento*, o qual consta foi dado a esta igreja pelo bispo D. Fr. Antonio de Santa Maria (1616 a 1623). Um, ao menos, que representava *Christo entre os doutores*, parece que tinha merecimento; porque diz o A. citado, que o bispo D. Diniz de Mello e Castro (1627 a 1636) o mandou para Collares, onde tinha capella, indemnizando a sé com outros objectos.

Quando no reinado de D. João III se creou a diocese, serviu de cathedral a igreja do castello. Depois, e emquanto se não acabava a nova sé, por ser a assistencia do cabido ali muito trabalhosa, transferiu-se a celebração dos officios divinos para a de S. Pedro, que fica um pouco mais abaixo. Esta igreja dizem ser a segunda de Leiria em antiguidade. Ficou fechada ao culto, creio que desde a invasão franceza; já foi celleiro, e actualmente (desde 1835?) é theatro. Não me occupo particularmente d'ella, porque não acho que tenha cousa notavel.

O orago era a *Annunciação*: chamavam-lhe porém, em razão do sitio em que está, a *igreja de Nossa Senhora da Pena* ou da *Penha*. Hoje as suas

ruínas são vulgarmente conhecidas pelo nome de *Egreja do Castello*.

Em 1810, época do incendio de Leiria pelos francezes, soffreu talvez a sorte dos mais edificios. O que é certo é que se não restaurou mais, e hoje apenas permanecem as paredes, que são de pedra aparelhada, e da capella-mór tambem o tecto, de abobada.¹

A Misericordia

A Misericordia tenho eu para mim, que é um dos templos de Leiria mais digno de ser observado.

Não se sabe precisamente a época da sua edificação; só apenas que é anterior a 1544, pois que n'este anno foi instituida a irmandade.

O sitio em que está era em outro tempo um bairro de judeus, segundo dizem. Talvez d'aqui é que nasceu a tradição de que primitivamente foi synagoga.

Tem tres altares. O altar-mór, antigo, com um magnifico retabolo de marmore de varias côres, e sacrario correspondente, formado d'uma só peça, segundo parece. Quanto aos outros, os primitivos, nunca os conheci: supponho que foram tambem objecto da selvageria franceza. Os que no seu lugar se vêem, datam de ha poucos annos; são de madeira, porém pintados em ordem a imitar o marmore do primeiro.

De cada um dos lados, junto ao tecto, corre uma galeria com janellas para a igreja, por onde lhe entra parte da luz, communicada de fóra por outras janellas abertas na parede exterior; mas como entre as janellas que dão para a igreja e estas ha um intervallo, e alem d'isso estão a grande altura, a igreja é um tanto sombria, o que não deixa de lhe dar certa magestade.

Está bem conservada.

A Cathedral

Mais moderna que os dois precedentes, a Cathedral de Leiria é comtudo um templo recommendavel se não pelos primores d'arte e recordações historicas, ao menos pela sua vastidão, elegancia e solidez.

Mede de altura 22^m,5 aproximadamente; de comprimento, desde a porta do meio até ao fundo da

¹ O seu a seu dono. Depois de escripto este artigo, tornei a indagar, e constou-me que não foram os francezes que destruíram a igreja do castello. Tinha-a já antes d'elles inutilizado para o culto o bispo D. Manuel de Aguiar (1790 a 1815), por estar exposta a frequentes desacatos e irreverencias.

Das imagens que lá havia, apenas d'uma, me constou tambem, ha hoje noticia: é a do Crucifixo que está no camarim da capella-mór da sé. Devia ser do altar de Jesus.

¹ O *Couceiro* ou *Memorias do bispado de Leiria*, manuscrito do seculo xvii, de A. incerto; dado á estampa em 1868, Braga, por um ecclesiastico do mesmo bispado.

capella-mór, 60^m,91; largura, tomada nos braços do cruzeiro, 41^m,36, e no corpo da igreja 22 metros.¹

Geralmente attribue-se a sua fundação ao bispo D. Fr. Gaspar do Casal, o 3.º d'esta diocese (1557 a 1579), o qual, dizem, a fez á sua custa desde os alicerces. É comtudo licito duvidar; pois que, ainda concedendo ao bispo rendimentos bastantes para arrostar com uma edificação de tal ordem (li que as rendas do bispado n'aquelles tempos não excediam 2:000\$000 réis), no decreto da doação do padroado d'esta igreja aos prelados d'ella, passado a 3 de março de 1795, se diz expressamente — que foi fundada e dotada por D. João III; — e da inscripção que dizem estava no frontespicio da sé² o que consta é que o bispo lançou a primeira pedra, e que a accrescentou á sua custa. A inscripção era esta — *Gaspar, Leiriensis episcopus, vir litteris et magnificentia antiquis patribus persimilis, Ecclesiam Dei gubernante Paulo IV. Lusitanorum Rege Joanne III. anno a partu Virginis MDLIX tertio idus augusti, Templi Maximi fundamentum primum jecit, propriis sumptibus auxit.* — Talvez fosse mal interpretada; depois uns copiaram os outros, e assim se propagou o erro, se o ha, porque eu não pretendo tirar a gloria a cuja é. Argumentam tambem com as iniciaes B. D. G. (Bispo D. Gaspar) que se vêem no fecho d'um dos arcos da abobada; mas isto mesmo não prova evidentemente que foi elle o fundador.

No fecho d'outro arco ha esta data — 1570 — n'outro — 1571 — n'outro — 1577 (1577?) — n'outro — 1756. — Esta ultima, se n'ella não ha erro, não póde referir-se ao todo da obra; talvez a alguma parte d'ella, a alguma reforma, ás janellas do frontespicio por ventura, as quaes, segundo ouvi, são muito mais modernas; e foram abertas ou por D. Fr. Miguel de Bulhões (1775 a 1779), como me parece ter ouvido, ou pelo seu antecessor, D. João de Nossa Senhora da Porta, que era o prelado de Leiria em 1756. Vê-se d'aqui que levou a construir acima de 18 annos, todos passados no governo do bispo Casal.

A abobada é sustentada por 8 pilares, formando 3 naves; a nave do centro tem duas larguras das dos lados; a cada nave corresponde uma porta no frontespicio; a do meio maior que as outras.

Tem 9 altares. De alguns, ao menos, consta que tinham retabolos de madeira, mandados fazer por varios bispos. Assim o da capella-mór é obra de D. Pedro de Castilho (1583 a 1603), e os paineis que o adornam de D. Martim Affonso Mexia (1605 a 1615) e do pincel de Simão Rodrigues. O da capella do Santissimo foi dado pelo mesmo D. Martim

e executou-o o mestre Amaro do Valle. Ainda vi restos d'elle: tinha muita obra de talha. O actual foi acabado haverá um anno. D. Diniz de Mello e Castro fez o de Nossa Senhora da Esperança¹ e importou a obra de madeira e pintura, em 324\$615 réis. Tudo os francezes destruíram, escapando apenas algumas partes que o fogo respeitou, ou a que não alcançou o machado; e do da capella-mór o que vae do docel para cima, que ainda existe com os paineis, se acaso são os mesmos, como parece, ao menos a respeito de alguns. A outra parte d'este retabolo foi feita depois da invasão.

As grades da capella-mór deviam-se ao sobredito D. Diniz: tinham custado 148\$370 réis. Foram tambem quebradas pelos francezes, e hoje, da obra antiga, apenas existem as pilastras, e essas não inteiras.

As cadeiras do côro (que, se bem me recordo, me disseram serem obra digna), e as tribunas, acho que foram feitas pelo bispo D. Fr. Antonio de Santa Maria. Quanto porém ás tribunas (entendo eu, que o A. se refere ás duas varandas, chamadas aqui os *choretos*, onde estavam os órgãos, e que ficam por cima das cadeiras) devo advertir, que tambem me disseram as mandára fazer D. Miguel de Bulhões; e com effeito tanto n'uma como n'outra ha umas armas, que, se não me engano, são as d'este prelado: podia ser que as augmentasse com alguma obra. Foi tudo queimado na fatal época de 1810, poupando as chammas apenas alguns pedaços dos ornatos superiores das tribunas. O que hoje existe, tribunas e cadeiras é tudo obra moderna, e, ainda que decente, não offerece, a meu ver, nada de notavel.

Os bellos e espaçosos claustros, bem como as mais construcções adjuntas á parte posterior da igreja, não são da mesma época que esta, foram addiccionadas por D. Pedro de Castilho: assim consta, e a data — 1595 — que se vê sobre uma janella o comprova. Este mesmo mandou fazer o adro, e todo o taboleiro em roda do templo.

A torre dos sinos está apartada da igreja, mais proxima do paço episcopal que d'ella, de sorte que parece não lhe pertencer, o que não deixa de ser uma singularidade. Sem duvida escolheu-se aquelle sitio, por ser mais elevado. É moderna: a data de — 1770 — e as armas que se vêem na sua cupula, não permitem adjudicar esta obra a outro prelado, que a D. Fr. Miguel de Bulhões, o qual, alem d'esta, outras obras attestam, que era homem zeloso e emprehendedor.

O seu estado de conservação é bom.

VICTORINO DA SILVA ARAUJO

Socio correspondente.

¹ A altura da cathedral é medida do pavimento ao ponto mais elevado da abobada. Estas medidas deram-m'as, mas eu não as vi tomar; supponho comtudo que são verdadeiras.

² Esta inscripção não existe hoje lá, nem signaes d'ella, nem se sabe onde pára. Póde ser que estivesse no logar que hoje occupa a janella do centro.

¹ Nem altar, nem capella d'esta invocação conheci nunca na sé.

BOLETIM

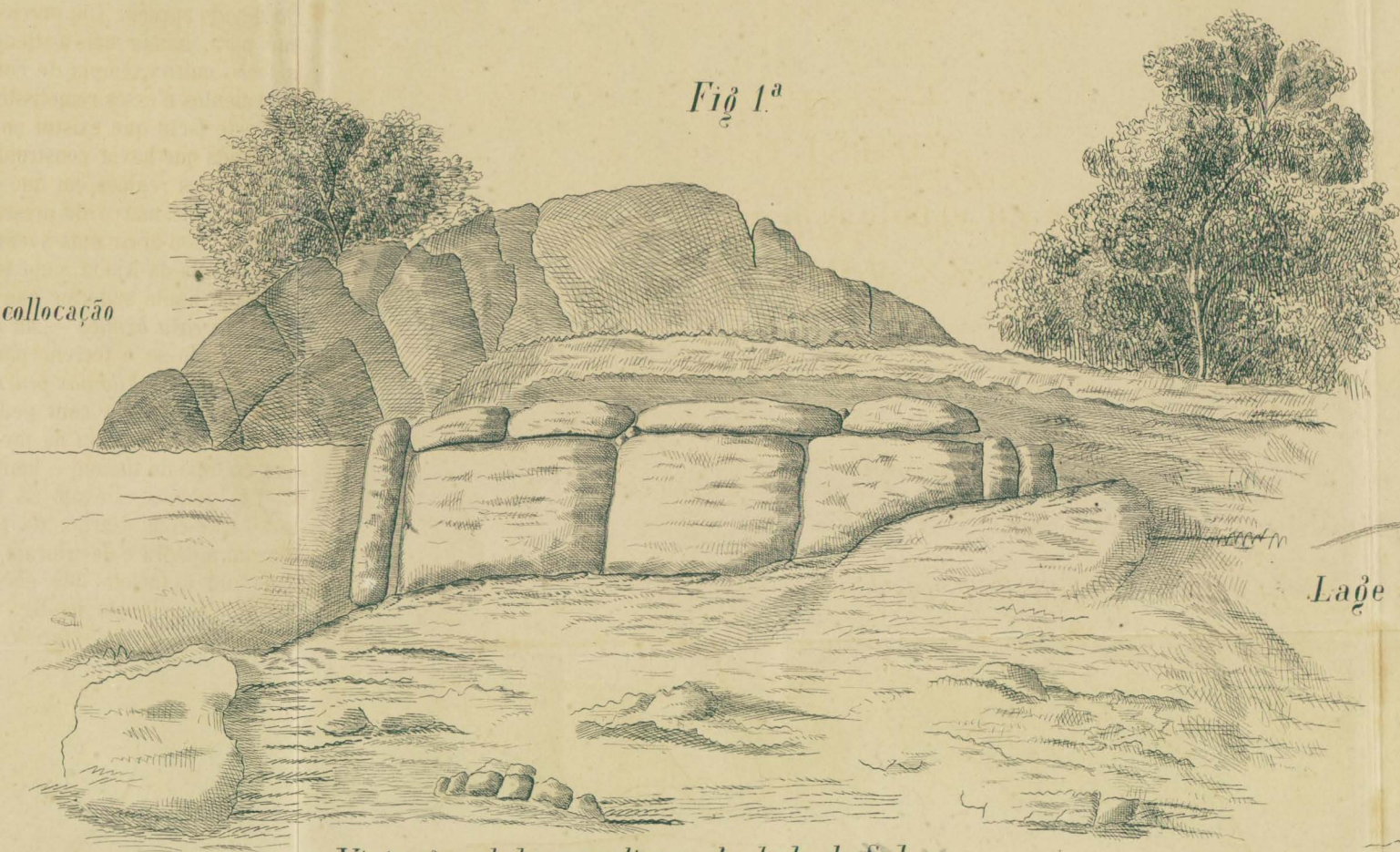
DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

2ª Serie

Nº 11-Tomo 2º

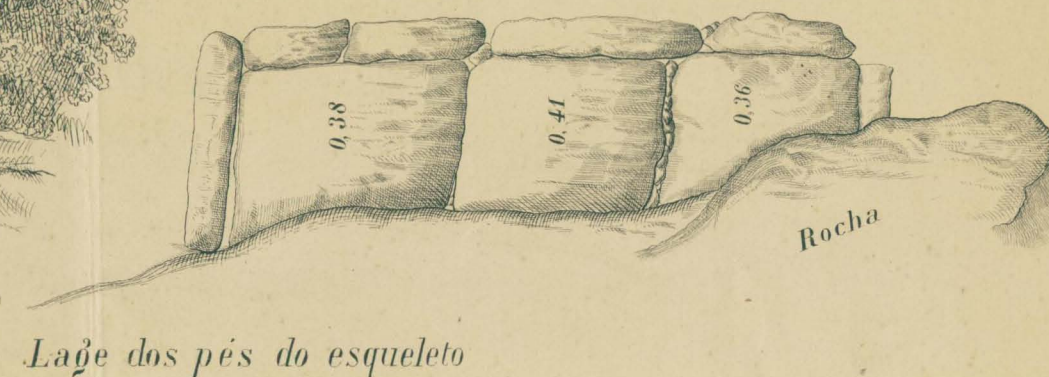
Fig 1ª



Vista geral da sepultura do lado do Sul N.

Fig 3ª

Lado Norte da sepultura



Laço dos pés do esqueleto

Laço do lado do craneo



Fig 5ª

Pedras que cobriam a sepultura

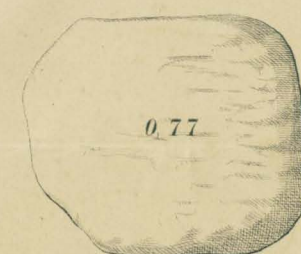


Fig 4ª

Lado Sul da sepultura

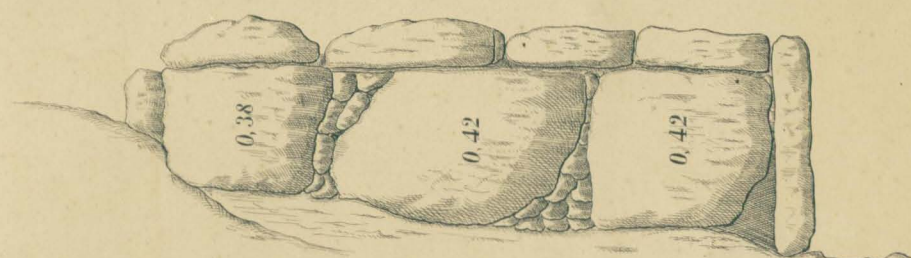


Fig 7ª

Craneo do esqueleto de grandesa natural

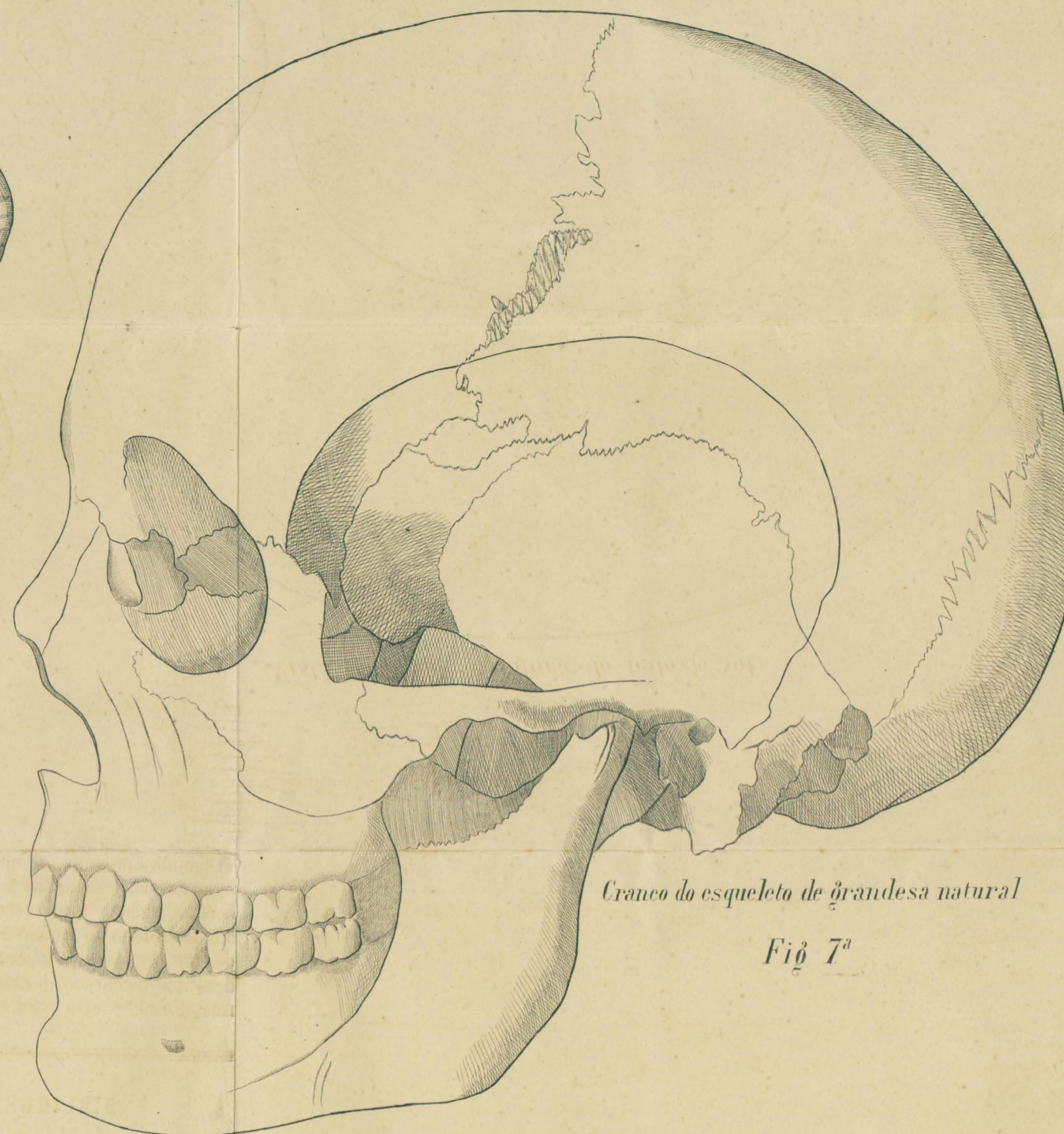
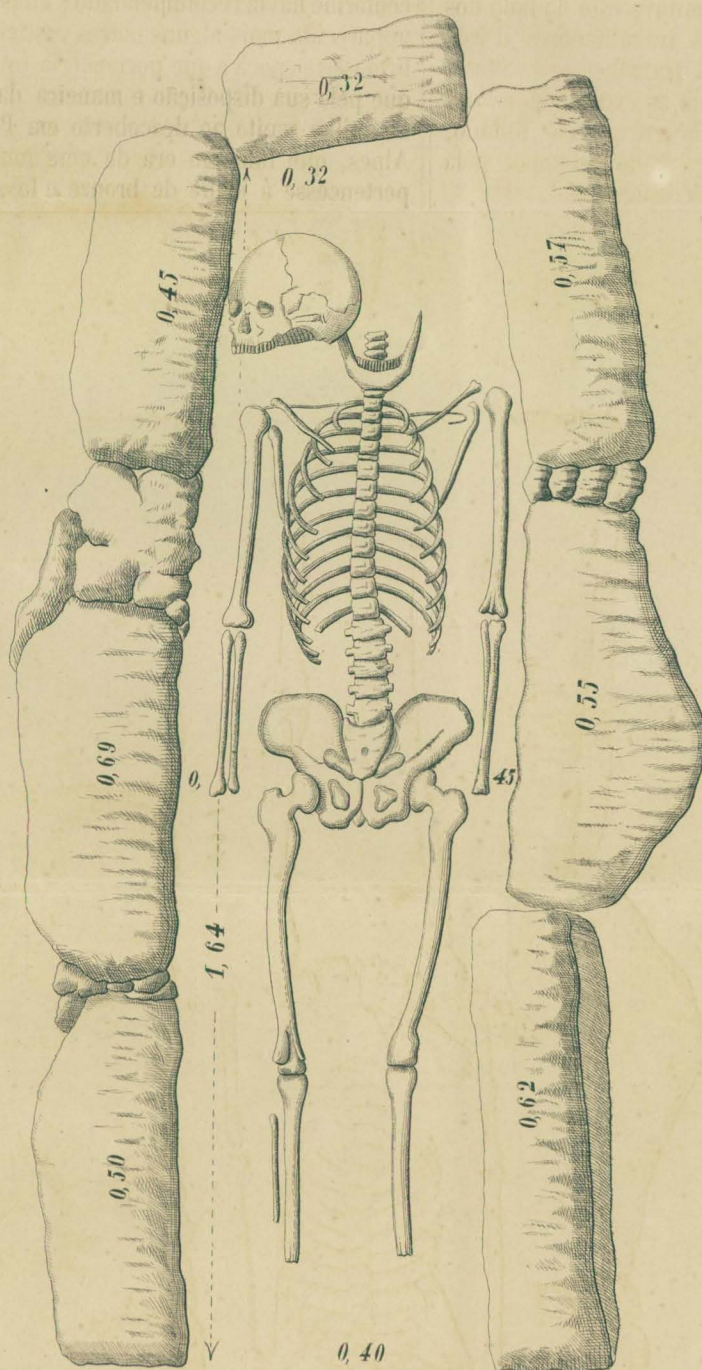


Fig 2ª



Ponta da flecha em sílex

ESTAMPA XXXI

Sepultura da idade de pedra descoberta na Real Tapada da Ajuda

LISBOA

1879

TUMULO DA IDADE DE PEDRA

(Explicação da estampa n.º 31)

Estava reservado para a capital de Portugal ter a registrar mais um importante monumento dos tempos pre-historicos, que no nosso solo estava occulto ás investigações archeologicas, e cuja descoberta veio surpreender, não só aos indifferentes d'estes estudos, como principalmente áquelles que lhe sabem dar o devido apreço. Tão precioso achado deve contribuir para chamar mais a attenção dos archeologos, pois terão outro exemplo de como se praticavam os enterramentos n'esses remotissimos tempos, comprovando este facto que existiu no solo da Península a mesma raça que havia construido identicos tumulos nas differentes regiões em que têm apparecido.

No dia 4 de março do presente anno andando os trabalhadores a abrir uma avenida em o novo parque da real tapada da Ajuda, cujo terreno é bastante escabroso no limite superior que tem a denominação — *Alto da casa branca* — ali proximo, do lado do norte, abrindo-se o terreno para a direcção d'essa avenida, junto do *Alto das pedras*, as enchadas afastando a terra envolta com pedras erraticas de pequeno volume, entraram na junta de uma pedra que estava no topo do tumulo e limitava este do lado dos pés. Tão alheios estavam os trabalhadores d'este achado, que com o ardor do trabalho as enchadas afastaram a pedra e destruíram as extremidades dos pés de um esqueleto que encerrava esse tumulo, como se vê indicado na fig. 2 da estampa, pela falta que se nota no referido esqueleto.

O tumulo é formado por oito pedras que compõem os seus lados, e por mais tres que lhe serviam de cobertura; sendo todas estas pedras de formação erratica; o leito do tumulo tinha sómente terra para depositar o cadaver. Na occasião de se tirarem as pedras que o cobriam, o craneo deslocou-se da columna dorsal, e caiu para o lado do nascente. A

orientação era do nascente para o poente: notava-se que o tumulo do lado da cabeça era mais estreito que dos lados dos pés, e que no meio d'elle era mais largo, como vae indicado na mesma figura pelas suas cotas. O comprimento do tumulo é de 1^m,64, e a sua maior largura de 0^m,45: a cabeceira estava apoiada sobre rocha de calcareo.

Este tumulo estava soterrado 65 centímetros, e um dos extremos é mais alto do que o outro, como mostra o desenho da estampa (fig. 1), o qual apresenta o seu aspecto geral visto do lado do norte. As figuras 3 e 4 fazem ver os seus dois lados e a maneira de collocação das pedras. A figura 5 mostra a configuração das pedras que fechavam o tumulo.

O esqueleto é de mulher ainda na flôr da idade, como indicam os dentes. Ao lado do craneo encontrou-se apenas uma ponta de frecha em silex com o feitiço que indica o desenho d'ella (fig. 6).

Damos o craneo, na sua grandeza natural (fig. 7), que classifica pela sua configuração a ordem cranologica a que pertence.

Estava eu enfermo quando me deram parte d'este descobrimento, e posto que descrevesse o modo conveniente de se examinar a terra que cobria o esqueleto, soube que ella não foi passada pelo crivo, conforme havia recommendado; aliás talvez tivessem apparecido mais alguns outros vestigios que nos confirmasse a epoca a que pertenceria este tumulo, ainda que pela sua disposição e maneira da construcção se assimilha muito ao descoberto em Peyre-Haute nos Alpes, que tambem era de uma mulher, posto que pertencesse á idade de bronze e fosse de pessoa de outra cathegoria.

Não se pode negar ser este achado de grande importancia para os estudos archeologicos do nosso paiz, e ter igualmente subido apreço scientifico por ser o primeiro tumulo d'este genero descoberto em Portugal.

J. DA SILVA.

BIBLIOGRAPHIA

Inventario das obras de arte

No principio do anno de 1871 formulou o Conselho Facultativo da Associação dos Architectos Portuguezes (hoje Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes) uma serie de quesitos, no intuito de se habilitar, por meio das competentes respostas, a organizar a estatistica das artes em Portugal.

Eram dirigidos os quesitos aos socios da indicada associação, e versavam sobre os seguintes pontos, com relação a edificios religiosos e civis:

«Denominação actual, e outras que os edificios ou artefactos tivessem antecedentemente.

«Districto administrativo, concelho, freguezia, ou local, onde existem.

«Por quem foram mandados fazer, conservar, ou destruir em parte.

«Nomes de quem os delineou, construiu, ou por qualquer maneira concorreu para a sua execução e conservação.

«Para que fim foram construidos; applicação que depois tiveram, e com especialidade a ultima.

«Materiaes de que são construidos, proveniencia, preço, etc.

«Estado de conservação na actualidade.

«Quando começaram ; quando foram concluídos ; se houve interrupção na construção e por que motivos.

«A que estilo de architectura pertencem os d'esta especialidade ; o mesmo a respeito de escultura.»

Não esqueceu chamar a atenção sobre os accessórios dos edificios religiosos, como por exemplo, retabulos, maquetinas, camarins, sinos, etc., por qualquer circumstancia notaveis.

Tratando-se de *missaes*, conviria declarar onde foram impressos, quaes as estampas, desenhos ou *illuminuras* ; — de *tumulos*, *campas* e *carneiros de familias*, descrever-se-hiam os brazões, e copiar-se-hiam os epitaphios, e quaesquer inscripções ; — dos *azulejos*, reunir-se-hiam os possiveis esclarecimentos ácerca da era, qualidade, côres, desenho dos padrões ; — de *vidros de côres e mosaicos*, o mesmo.

Eram recommendadas as noticias sobre os seguintes objectos : torres, castellos, aqueductos, pontes, pelourinhos, memorias, chafarizes, cruzeiros, etc., quer em bom estado de conservação, quer em estado de ruina mais ou menos adiantada.

Se os socios competentes, a quem eram enviados os quesitos, tomando em consideração o pedido do Conselho Facultativo, empregassem as convenientes diligencias de curiosa e bem entendida investigação, temos por certo que se reuniriam os primeiros elementos de um quadro artistico de summo valor.

Dizemos — primeiros elementos —, por quanto reconhecemos que não é este alvitre bastante para se conseguir o inventario das riquezas do nosso paiz em materia de artes. Outros meios são indispensaveis para realizar um tão momentoso *desideratum*. Seria, porém, um valioso subsidio a resenha artistica de cada uma das localidades onde existem edificios, monumentos, ou variados primores do trabalho humano.

Tanto mais para sentir é a indiferença com que foi recebida a supplica do Conselho, quanto invejamos o que em outros paizes se tem chegado a conseguir, á força de esclarecido zelo, de aturadas diligencias, de constancia, de boa vontade — inspirada pelo amor da arte, não menos que pelo amor da patria.

Temos diante de nós um trabalho precioso, que mais e mais nos incita a desejar que acordemos do lethargo em que jazemos, e façamos esforços para vencer a nossa inercia.

Intitula-se a indicada obra : *Inventaire général des œuvres appartenant à la Ville de Paris, dressé par le Service des Beaux-Arts.*

Abrange esta obra duas partes ; sendo uma o inventario dos edificios civis, e outra o dos edificios religiosos.

Diremos primeiramente qual foi o iniciador de tão importante trabalho, e qual o pensamento que presidiu a esta empresa ; e terminaremos com a exemplificação do modo por que o trabalho é executado.

Em data de 13 d'agosto de 1875 apresentou um dos membros do Conselho Municipal de Paris, M. de Herédia, ao qual se associaram outros collegas, uma proposta, assim concebida :

«Considerando que a cidade de Paris possui, afóra consideraveis bens immoveis, grandes riquezas espalhadas nos seus monumentos publicos e edificios religiosos ; sendo de toda a conveniencia que haja conhecimento exacto d'esta porção da nossa fortuna commum ;

«Considerando que, sob o aspecto historico e artistico, seria de incontestavel interesse a publicação de um catalogo geral d'essas riquezas parisienses ;

«Por estes motivos, e de accordo com muitos dos meus collegas, proponho ao Conselho que seja convidado o sr. Prefeito do Sena a fazer organizar e a imprimir, com designação de preços e avaliações, um inventario e catalogo completos de todos os quadros, de todas as estatuas, e em geral de todas as obras de arte de que é proprietaria a cidade de Paris.»

O Prefeito do Sena declarou que a administração acceitava a proposta, que aliás tinha já recebido um começo de execução ; tendo o ministro da instrucção publica e das bellas-arts convidado as cidades de França a lhe remetterem o catalogo das respectivas obras de arte.

A proposta seguiu os tramites regulares, e foi por fim approvada em 6 de maio de 1876, nos seguintes termos :

«O Conselho :

«Vista a sua deliberação, em data de 4 de dezembro de 1875, para convidar o sr. Prefeito do Sena a fazer organizar e imprimir, com designação de preços e avaliações, um inventario e catalogo de todas as estatuas, de todos os quadros, e em geral de todos os objectos d'arte de que é proprietaria a cidade de Paris ;

«Vista a Memoria que o sr. Prefeito do Sena submetteu ao Conselho, em data de 11 de abril de 1876, apresentando-lhe um projecto de inventario e de catalogo das ditas obras de arte ;

«Visto o relatorio do director das obras de Paris ;

«Visto o relatório apresentado em nome da quinta comissão;

«Delibera:

«Art. 1.º Serão publicados o inventário e o catálogo dos objectos de arte moveis de que a cidade de Paris é proprietária.

«Será feita esta publicação em forma de quadros synopticos, precedidos de introduções historicas, e mencionando o preço de aquisição e a proveniencia d'esses objectos, quando o preço e a proveniencia forem conhecidos.

«Para custear as despesas de impressão, de deslocação, de gratificações aos louvados, e gastos diversos occasionados pela preparação d'este trabalho, sahirá do capitulo 33.º do orçamento de 1876 (reserva) a quantia de seis mil francos.»

N'esta conformidade foi publicado o *Inventario geral das obras de arte que ornão os edificios civis e religiosos, de que é proprietária a cidade de Paris*.

Vamos dar uns breves exemplos do teor d'este importantissimo trabalho.

Mencionando-se no inventário dos edificios religiosos a famosa egreja *Saint-Germain-L'Auxerrois*, de Paris, encontra-se primeiramente uma *noticia historica*, a contar da primeira metade do seculo xv até aos nossos dias; segue-se uma descripção muito desenvolvida e exacta do edificio; e vem por fim uma indicação das obras de arte encomendadas pela cidade de Paris desde o anno de 1816, e outra dos trabalhos encomendados por diversas repartições em diferentes épocas.

No tocante á *noticia historica*, devemos observar que acompanha ella as diferentes phases, em verdade muito notaveis e singulares, pelas quaes tem passado a egreja.

Começaram as primeiras construcções em 1423; successivamente se foram fazendo obras, até que no meado do seculo xvii foram modificadas as primitivas disposições do edificio, e no meado do seculo xviii se lhe deu uma feição moderna.

Durante a revolução serviu de palheiro; foi depois entregue ao culto theophilantropico.

No principio do reinado de Luiz Philippe foi saqueada, por occasião da celebração de ceremonias

funebres pela morte do duque de Berry. (Aquelle acto de barbaro vandalismo occorreu em 13 de fevereiro de 1831.)

A lei de 12 de maio de 1837 decretou a sua restauração e abertura ao publico. Foram confiados os respectivos trabalhos aos architectos Lassus e Baltard, ambos naturaes de Paris, e fallecidos, o primeiro em 1853, o segundo em 1873. Ambos os architectos se esmeraram em restituir ao monumento o seu caracter primitivo, e em fazer desaparecer, em parte, a menos feliz transformação operada no seculo xviii.

A descripção do edificio é completa, e torna bem evidente a sua disposição interior e exterior.

No que diz respeito ás obras de arte mandadas fazer pela cidade de Paris desde o anno de 1816, é de saber que são pontos de informação os seguintes:

Data das encomendas; artistas; natureza e objecto dos trabalhos; dimensões; collocações; preços (trabalhos de arte accessorios); observações.

Exemplo relativo á egreja de Saint-Germain-L'Auxerrois.

No anno de 1818 foi encomendado ao pintor Rouget (George) um quadro da *Assumpção da Virgem*, com a dimensão de 3^m,40 de altura, e 2^m,00 de largura, para ser collocado na capella de S. Carlos Borromeu, pelo preço de 2:000 francos.

O pintor Rouget nasceu em Paris no anno de 1781; foi discipulo de David; obteve o 2.º premio grande em 1802; medalha em 1814; 1.ª medalha em 1855; obteve a Legião d'honra em 1822; morreu em 1869.

Não iremos por diante; se bem que talvez viessemos registrar algumas indicações a respeito do inventário dos edificios civis, jardins, passeios, avenidas, fontes publicas, etc., que a administração de Paris mandou construir, ou nas quaes mandou fazer obras d'arte. Mas vae já muito extensa esta noticia, e receamos cançar a paciencia dos leitores.

Será por ventura bastante o que fica apontado, para chamar a attenção dos competentes sobre a conveniencia de cuidar da enumeração das riquezas de Portugal nos dominios artisticos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Foi preciso fazer um supplemento ao *Catalogo do museu archeologico do Carmo*, porque depois d'este impresso, teve grande augmento o numero dos objectos expostos, subindo em todas as suas colleções a mais 719.

A assembléa geral votou por unanimidade uma medalha de prata para ser conferida ao socio sr. dr. Francisco Martins Sarmiento pelas importantes descobertas archeologicas obtidas em Citania, e pelo generoso exemplo que dá no nosso paiz, fazendo investigações scientificas das antiguidades nacionaes.

Dois bellos padrões de azulejos pertencentes á antiga habitação real do palacio do Calvario, vieram enriquecer a variada collecção que já possuia o museu do Carmo n'essa especialidade. Foram obtidos pela intervenção do nosso socio o sr. conselheiro Nazareth.

O nosso presidente, sr. J. Possidonio N. da Silva, recebeu do Instituto ethnographico de Paris uma medalha de grande modelo, tendo d'um lado o seu nome, pelos serviços prestados aos estudos d'este Instituto; e tanto mais foi distincta essa consideração, pois é a quarta medalha que se confere a este socio. Foi-lhe votada em primeiro lugar, o que nos é sobremaneira lisongeiro ter merecido essa honrosa distincção o fundador da nossa Associação.

Possue presentemente o nosso Museu duas bellissimas collecções de 92 modelos dos baixo relevos de dois templos do Alto Egypto, grande primor de execução, que o commendador D. João de Sostem, architecto e chefe da commissão artistica do governo hespanhol, no Egypto, offereceu ao seu confrade sr. Possidonio da Silva, para estarem expostos no Museu do Carmo.

O nosso socio, o sr. marquez de Croizier, foi agraciado pelo governo portuguez com a grã-cruz da Ordem de Christo, em attenção ao seu saber e aos serviços scientificos que tem prestado ao nosso paiz.

Foram eleitos socios da nossa Real Associação os srs.: duque de Tetuan; D. Juan Diaz de la Rade, archeologo; Ramiro Amador de los Rios e Saavedra, architectos hespanhoes; Alfredo Kiel; J. do Amaral Tóro; D. Marianno Belmás; professor Lepsius, de

Berlim; dr. Fischer, da Universidade de Freiberg; mr. Tavers, archeologo francez.

Ao socio architecto, sr. Cesario Augusto Pinto, foi votada por unanimidade uma medalha de bronze pelo seu reconhecido talento e pelos serviços artisticos com que tambem tem contribuido para o progresso da arte no nosso paiz.

De uma importante folha periodica que se publica na capital extrahimos a seguinte noticia, que por certo não desagradará aos que desejam ver justamente considerados o trabalho, o merito e a abnegação do cavalheiro a quem a mesma folha se refere:

«O sr. Possidonio da Silva, digno presidente da Associação dos architectos, recebeu do sr. conde de Marsy a participação telegraphica de que, ao encerrarem-se os trabalhos scientificos do congresso da Sociedade franceza de archeologia, em Vienne (França), fôra votada para o nosso benemerito compatriocio a «grande medalha de Vermeil Caumont», em attenção á obra que o sr. Silva ultimamente publicara em Portugal, as *Noções elementares de archeologia*, com uma introdução pelo illustre academico, sr. Vilhena Barbosa, e 324 gravuras. É distincção mui honrosa.»

Accrescentaremos: e que dá tambem subida honra á nossa Associação.

A Associação central dos architectos hespanhoes, de Madrid, propoz entrar em relações artisticas com a nossa Associação, e offereceu-nos seis numeros do seu *Boletim* em formato grande, in-4.º, com estampas, publicação muito interessante e proveitosa para o desenvolvimento artistico entre as duas nações da peninsula.

O nosso Museu adquiriu uma variada collecção de specimens pertencentes aos typos das differentes estações pre-historicas.

NOTICIARIO

No torreão do palacio das Tulherias, do lado do rio Sena, fazendo-se agora reparações para servir a repartições publicas, descobriu-se escondrijos e escadas no interior das paredes, que eram desconhecidos dos guardas d'este antigo e historico edificio.

Vão-se collocar cem retretes em Paris para o sexo feminino; terão um aspecto agradável e decente; serão commodas, reunindo um gabinete de *toilette* com todos os seus pertences; uma creada será encarregada do serviço, a qual receberá das pessoas uma gratificação determinada pela municipalidade.

Nos paizes mais civilizados são sempre desvelados em proporcionar ao publico todos os commodos possiveis, e attender ás providencias dictadas pela utilidade publica.

Ha em Hespanha 463 architectos civis, divididos por este modo: pertencentes á Real academia de bellas artes de S. Fernando 17; Junta directora dos architectos de Catalunha 46; architectos nas provin-

cias 158; na capital 146; architectos dos municipios 8; architectos da casa real 3; no ultramar 12; escola superior de architectura 14; dos ministerios 8; da escola de artes e officios 6; architectos das diocezes 45.

Quanto é desconsolador este contraste para Portugal!! Como patenteia a falta de protecção para o progresso da arte architectonica entre nós, e igualmente a enorme inferioridade no gosto do publico do nosso paiz, preferindo os carpinteiros e obreiros para lhes *delinearem no chão as suas habitações!* Que atrazo!! Que vergonha! Que affrontoso descredito nacional!!!

Estão-se collocando communicações acusticas em todos os bairros de Paris para uso dos particulares, como já ha muito existem nos Estados-Unidos da America.

EXPEDIENTE

Por circumstancias imprevistas é de absoluta necessidade adiar para o numero seguinte a publicação do Elogio de D. José Amador de los Rios, proferido na sessão solemne de 2 de maio preterito pelo nosso consocio o sr. Luciano Cordeiro.